



DOI:10.20396/conex.v18i0.8663386

Editorial

Os caminhos para uma ciência aberta na Educação Física

Edivaldo Góis Junior¹ 

A revista *Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde*, nos últimos anos, colocou seu nome no mapa dos pesquisadores de pós-graduação em Educação Física no Brasil, e mais recentemente alcançou pesquisadores e leitores na América Latina e em alguns países europeus, em especial, os ibéricos.

Em 2020, com a política de organização de dossiês, do total de 44 artigos publicados, dezesseis tiveram autoria de pesquisadores vinculados a instituições universitárias estrangeiras. A contribuição dos dossiês, dedicados aos temas da praxiologia motriz e da história dos esportes, foi fundamental para esta internacionalização. Agradecemos aos organizadores, Carmen Lucia Soares, da Unicamp; Leonardo Brandão, historiador de Santa Catarina; Marco Antonio Coelho Bortoleto, da Unicamp; João Francisco Magno Ribas, professor do Rio Grande do Sul; Jorge Ricardo Saraví, docente da Argentina.

Além do diálogo internacional, um aspecto que torna a *Conexões* um veículo exemplar de divulgação científica é sua vinculação aos princípios de uma ciência aberta. Sem qualquer custo financeiro para autores e leitores, a revista, que tem uma estrutura pequena em relação ao tamanho de seus serviços para o campo da Educação Física, é financiada com recursos públicos da Unicamp e devolve à comunidade conhecimentos produzidos pelas melhores universidades brasileiras e por instituições estrangeiras que comungam dos mesmos valores éticos.

A ciência aberta significa, no entanto, mais do que apenas o acesso aberto. A comunidade científica internacional, mediante os desafios de enfrentamento de uma pandemia como esta que acometeu inúmeras pessoas em 2020, vem dedicando-se cada vez mais às políticas de ciência aberta, não somente no que diz respeito à divulgação de resultados e comunicações acadêmicas, mas no compartilhamento de dados, projetos, conhecimentos e tecnologias. Conhecer

¹ Editor Chefe Revista Conexões. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas – SP, Brasil.

Contato: gois@unicamp.br

em rede e de forma ética e transparente parece ser o cerne de uma política internacional de congraçamento de desafios globais como o meio ambiente, a educação e a saúde pública.

Pesquisadores da área de ciência da informação, neste ano, ressaltam a necessidade de ampliar estas políticas e sistematizar práticas nesta direção. Entrevistas publicadas (ANAGNOSTOU; TAYLOR, 2020), na revista *Computer*, analisaram o estado da arte da ciência aberta neste campo, no interessante texto "Can Open Science change the World?". As entrevistas são muito otimistas, mas pautam algumas ações. Por exemplo, um dos entrevistados, a professora Adelinde Uhrmacher da University of Rostock, Alemanha, afirma que as editoras especializadas em ciência, como a *Springer*, estão atualmente aprimorando suas plataformas softwares e processos para acomodar mais artigos. Contudo, ela pondera que se caso não quisermos mais depender destas editoras para plataformas e serviços, teríamos que encontrar outras formas de custear a manutenção de tais ferramentas.

A solução adotada pelo mercado editorial foi, até o momento, a cobrança de taxas de publicação. Estas taxas são pagas pelos autores que, por conseguinte, usam seus recursos de fomento à pesquisa, repassam seus gastos à universidade ou mesmo recorrem ao próprio salário para publicarem em periódicos mais reconhecidos em seu campo. Precisamos sustentar financeiramente e estruturalmente a ciência aberta e o *open access* de outras maneiras.

O estudo de Saraite Sariene, Caba Pérez e López Hernández (2020), publicado na *Plos One*, afirma que as universidades têm sido pressionadas pelos governos para que mudem sua forma de atuar e sejam mais responsáveis com as exigências do desenvolvimento social para enfrentar os desafios da globalização e por isso elas devem utilizar os princípios da ciência aberta, para que sejam mais transparentes no que diz respeito à divulgação dos resultados científicos. O objetivo desta pesquisa foi verificar os avanços alcançados nas políticas de ciência aberta nas universidades e concluiu que as instituições mais reconhecidas e tradicionais no mundo são as mais interessadas em cumprir as recomendações estabelecidas por autoridades no tema da ciência aberta.

Desse modo, as grandes universidades buscam ampliar suas práticas de ciência aberta com a divulgação de informações por meio de páginas institucionais e repositórios digitais. Além disso, por meio de uma maior divulgação científica e uma participação social mais ampla, a pesquisa e os conhecimentos acadêmicos produzidos nas universidades podem estreitar os vínculos destas instituições com as sociedades nas quais estão inseridas. Talvez este seja o caminho, congregando periódicos de acesso aberto, multiplicar repositórios de teses e dissertações, portais institucionais de revistas, ampliar o uso das redes sociais e também organizar iniciativas como o *SciELO*.

Se este princípio pode gerar algum tipo de controvérsia quando se pautam a transferência de tecnologias, as patentes e outros dados restritos, no que diz respeito à grande parte dos conhecimentos produzidos no âmbito da Educação Física, compreendendo-a como uma área de conhecimento, é plausível, mas também impreterível, a necessidade de divulgação ampla e de acesso aberto aos resultados de pesquisa.

Periódicos como a *Conexões*, sem nenhum tipo de restrição aos leitores, são bons exemplos nesta direção. A partir do *Portal de Periódicos Eletrônicos Científicos* (PPEC) da Unicamp, desde 2017 é o primeiro e/ou o segundo periódico mais acessado da universidade no portal. Estes resultados são condizentes com seu perfil, ou seja, uma revista que leva um conhecimento rigoroso, avaliado pelos pares, para os professores que atuam nas escolas, clubes esportivos, hospitais e academias. Conhecimento produzido para a intervenção profissional, mas também para os professores de Educação Física do ensino superior e do campo da pesquisa.

Não seriam estes os objetivos dos periódicos da área de Educação Física? Sem dúvida, a resposta será positiva, mas há um empecilho para os editores destas revistas no país. Por aqui, nos trópicos, foi incentivada a avaliação dos periódicos não por seu impacto social, o que daria liberdade aos editores para o planejamento e o delineamento de um perfil direcionados aos leitores, mas sim pela indução promovida pela avaliação dos programas de pós-graduação.

A nossa jabuticaba universitária é o WebQualis da Capes, instrumento elaborado para estratificar a produção dos programas de mestrado e doutorado transformado indiretamente em avaliação de mérito das revistas. Esta prática pode, ao passo que se torne cada vez mais restritiva e exigente nas ciências da saúde, decretar a morte de grande parte dos periódicos que promove o acesso aberto no país, favorecendo, desta maneira, o incentivo à publicação em revistas estrangeiras abertas aos leitores, mas restritas aos autores, pois cobram altas taxas em dólares e euros.

Vamos aqui nadando, correndo e saltando contra marés e demais obstáculos. Afinal, resistir é preciso.

Ademais, agradecemos ao trabalho da equipe que permite a publicação de acesso aberto da *Conexões*. Obrigado à Faculdade de Educação Física da Unicamp, à editoria técnica liderada pela Andreia Manzato Moralez, às bolsistas Taíla e Lorraine, ao conselho editorial, aos autores, autoras, leitores e leitoras.

REFERÊNCIAS

ANAGNOSTOU, Anastasia; TAYLOR, Simon. Can Open Science change the world? *Computer*, v. 53, n. 10, p. 13–22, oct. 2020.

SARAITÉ SARIENE, Laura; CABA PÉREZ, Carmen; LÓPEZ HERNÁNDEZ, Antonio. 2020. Expanding the actions of Open Government in higher education sector: From web transparency to Open Science. *Plos One*, Lancaster, v. 15, e0238801, 2020.